

SISTEMAS DE INTERPRETAÇÃO DE MUNDO E TEORIAS DE VIDA EM UMA COMUNIDADEQUILOMBOLA NO VALE DO RIBEIRA

Lucas Alves Pacheco¹
Leandra Aurélia Baquião²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo investigar o modo como os sistemas de interpretação de mundo presente nos grupos culturais irão mediar diferentes teorias de vida e formas de organização social. A pesquisa foi realizada na comunidade quilombola de Peropava, no município de Registro, e utilizou da análise das narrativas para coletar dados qualitativos que auxiliem na compreensão da relação entre as variáveis estabelecidas. Buscamos como finalidade responder às demandas atuais que perpassam o contexto de vida da comunidade quilombola a ser analisada, tendo como relevância social e científica da pesquisa um estudo que ofereça visibilidade a um grupo comunitário, o qual tem sofrido intensos processos históricos de perdas territoriais e culturais no contexto social, político e econômico do Vale do Ribeira.

Palavras-chaves: Análise da Narrativa; Comunidade Quilombola; Psicologia Social; Organização social; Interpretação de Mundo.

ABSTRACT

The present project has the objective of investigating how the systems of world interpretation present in cultural groups, will mediate different theories of life and forms of social organization. The research was conducted in the quilombola community of Peropava, in the city of Registro (State of São Paulo), and used the analysis of narratives to collect qualitative data to help understand the relationship between the variables established. between the variables established. We sought to respond to the current demands that permeate the life context of the quilombola community to be analyzed, having as social and scientific relevance

¹Discente em Psicologia pelo Centro Universitário do Vale do Ribeira – UNIVR

²Docente em Psicologia pelo Centro Universitário do Vale do Ribeira – UNIVR

of the research a study that offers visibility to a community group, which has been suffering intense historical processes of territorial and cultural losses in the social, political and economic context of Vale do Ribeira.

Keywords: Narrative Analysis; Quilombo Community; Social Psychology; Social Organization; World Interpretation.

INTRODUÇÃO

Este estudo teve por objetivo investigar de que modo os sistemas de interpretação de mundo característicos dos grupos culturais estruturam diferentes teorias de vida e formas de organização social. Segundo Hundeide (1999), podemos compreender teorias de vida enquanto estruturas de significação por meio das quais os indivíduos encontram soluções, explicações e significados para suas vivências cotidianas. Enquanto componente psíquico, as teorias de vida encontram-se presentes universalmente em todas as comunidades e indivíduos. Apesar disso, como amplamente disseminado em seu artigo “Four Different Meaning of being poor” (1999), esse componente psíquico atua de diferentes formas, a variar pelas estruturas culturais das diferentes comunidades analisadas.

A pesquisa partiu da premissa de que é possível extrair da análise narrativa a relação entre os sistemas culturais de significação e os modelos de organização social, observando na fala dos indivíduos matrizes de pensamento que mediam comportamentos estruturantes na organização da vida cotidiana de determinadas comunidades. Dessa forma, o grupo cultural atuaria como elemento mediador das diferentes possibilidades de atuação do indivíduo frente aos desafios cotidianos que estão presente na condição social e material ao qual se encontra.

O objeto da pesquisa foi o grupo cultural quilombola de Peropava, uma comunidade localizada próxima à cidade de Registro no Vale do Ribeira. Atualmente a comunidade conta com aproximadamente 100 membros. Destes a maior parte exerce atividades econômicas de subsistência e outros produzem e comercializam alimentos e produtos artesanais feitos na própria comunidade. Por meio da análise narrativa, buscamos identificar como os operadores de sentido organizam essas práticas no dia a dia e como os significados culturais dessas ações aparecem nas falas dos sujeitos da comunidade. Para colhimento dos dados foi realizada visita a comunidade no dia 24 de setembro de 2022. Nesta data, foram visitadas aproximadamente 10 residências e entrevistados 14 moradores da comunidade através de questionário com

perguntas de resposta fechada e perguntas abertas. O questionário foi dividido em três grupos de perguntas separados por temas que auxiliam na compreensão da forma de organização cultural da comunidade: perguntas sobre a comunidade, perguntas sobre enfrentamento de desafios e perguntas sobre trabalho.

A proposta do estudo foi investigar o modo como os membros que pertencem a esse grupo têm construído sistemas de interpretação de mundo que mediam a construção de teorias de vida e, conseqüentemente, formas de organização social. Por meio da análise narrativa podemos observar uma relação entre duas variáveis, a saber, variável independente, sistemas culturais de interpretação do mundo, e a variável dependente, formas de organização social. Dessa relação buscamos corroborar a hipótese de que há uma heterogeneidade semântica no interior da organização social dos grupos culturais. Seguindo essa perspectiva, compreendemos que os esquemas culturais de interpretação de mundo organizam as experiências cotidianas na vida prática da comunidade.

No desenvolvimento das análises propostas, partimos do pressuposto que as teorias de vida estão circunscritas em contextos geográficos e históricos, o que faz com que as matrizes culturais de pensamento sejam constituídas a partir de uma relação espaço-temporal que os sujeitos estabelecem com o meio em que vivem. Desta forma, podemos observar que o universo semiótico presente nos grupos culturais é preenchido por fundamentos ontológicos que dão sentido à relação que as comunidades estabelecem com seus espaços de vida, derivando daí diferentes modelos de organização social frente aos mesmos enfrentamentos. Dessa forma, esse estudo trabalhará com a hipótese de que a heterogeneidade semântica inerente aos sistemas de interpretação de mundo interfere no modo como cada grupo cultural se organiza socialmente, mediando estruturas de autoidentificação e teorias de vida.

Esta pesquisa se justifica pelo desafio metodológico e pela relevância social do próprio objeto. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma iniciativa de investigação dos modos de organização social característicos da Comunidade Quilombola de Peropava com o objetivo de identificar se os processos históricos têm gerado perdas identitárias em função dos movimentos de imigração do Vale do Ribeira.

O alcance da relevância social e científica da pesquisa busca contribuir com um estudo que ofereça visibilidade a um grupo comunitário, o qual tem sofrido intensos processos históricos de perdas territoriais e culturais no contexto social, político e econômico do Vale

do Ribeira.

Trata-se de uma comunidade parcialmente isolada e que ofereceu uma oportunidade para a psicologia social explorar um estudo etnográfico sobre os modos de organização psicossocial num contexto de forças ambivalentes entre as tradições do passado e as perdas do presente.

Desse modo, justifica-se a pertinência desta pesquisa, uma vez que nosso desafio procura responder às demandas atuais que perpassam o contexto de vida da Comunidade Quilombola de Peropava. Buscamos contribuir com uma proposta metodológica de pesquisa que seja capaz de expandir a força do conhecimento local intrínseco a essa comunidade no que diz respeito às relações entre memória, identidade e território.

Por fim, este estudo teve por objetivo geral investigar no interior da comunidade quilombola de Peropava, no Vale do Ribeira, de que modo aparece na estrutura da fala dos sujeitos a relação entre as variáveis assinaladas. Nosso objetivo específico é compreender os processos psicossociais que mediam a construção de teorias de vida como referências ontológicas de organização da vida cotidiana. O objetivo final da pesquisa foi compreender se as práticas cotidianas da comunidade conservam as matrizes culturais, as tradições e a relação com o passado em seus modos de organização social. Entendemos que é possível observar nas narrativas dos membros da comunidade a presença de teorias de vida como referência de uma unidade temporal.

METODOLOGIA

A modalidade da pesquisa realizada é de natureza qualitativa, direcionada ao estudo das narrativas de indivíduos com compõem a Comunidade Quilombola de Peropava, no Vale do Ribeira (SP). Neste contexto, buscamos analisar através dessas narrativas as formas de organização social e os processos culturais mediadores de significados que orientaram as vivências coletivas dentro da comunidade. A coleta dos materiais foi realizada através de entrevista semiestruturada com perguntas de resposta fechadas e perguntas abertas. Para maior aproveitamento dos dados fornecidos pelos moradores, foram desenvolvidos dois modelos de questionários: o primeiro (que chamaremos de Questionário I) foi realizado com todos os entrevistados e era composto de vinte e seis perguntas específicas sobre a vivência individual de cada um dentro do grupo; o segundo questionário (que chamaremos de

questionário II) consistia em perguntas de resposta aberta sobre a história do grupo e foi respondido apenas pelos moradores que alegavam maior conhecimento histórico da comunidade. As entrevistas foram realizadas no dia 24 de setembro com 14 indivíduos da comunidade de aproximadamente dez famílias diferentes. Através da coleta das informações dos entrevistados, buscamos estabelecer uma relação entre os sistemas culturais de interpretação do mundo e formas de organização social e as particularidades que surgem nesta dinâmica considerando os aspectos constitutivos da Comunidade Quilombola de Peropava.

O material que instrui o escopo teórico da pesquisa, tanto na composição da bibliografia utilizada, quanto como orientador metodológico na pesquisa de campo, será obtido por meio de fontes bibliográficas relacionadas ao material trabalhado, como livros, teses, dissertações e artigos científicos.

1. A COMUNIDADE

A Comunidade Quilombola de Peropava ou Associação Quilombola do Sítio Bruno consiste em um grupo de resistência cultural composto por negros que exercem atividades rural e comercial de subsistência. Os processos de estruturação de uma identidade coletiva e as mediações do grupo cultural da comunidade puderam ser observados a partir da visita realizada e da utilização das ferramentas metodológicas descritas acima. A partir das pesquisas, pode-se compreender como as relações materiais e culturais de comunidade estruturam e mediam a dinâmica ontológica dos indivíduos inseridos dentro deste grupo cultural.

Historicamente, a Comunidade Quilombola de Peropava conserva suas tradições e características culturais a, pelo menos, sete gerações e os registros orais mais antigos datam ainda do século XVIII, segundo relato dos moradores. Estes registros orais foram transmitidos entre as gerações e, mesmo na contemporaneidade, ainda se fazem presentes nos discursos de alguns moradores da comunidade. Estas características culturais são transmitidas através dos costumes, crenças e atividade religiosas, histórias, objetos materiais e equipamentos que compõem a tradição histórica deste grupo.

Figura 1- Igreja Congregação Cristã no Brasil da Comunidade Quilombola de Peropava³



Fonte: acervo do autor⁴

Figura 2 – Equipamentos utilizados para a produção da farinha de mandioca⁵



Fonte: acervo do autor⁴

Atualmente, a comunidade conta com aproximadamente 100 integrantes que exercem atividades rurais de subsistência focada no plantio e produção de mandioca, palmito pupunha, feijão e hortaliças. Algumas produções rurais são desenvolvidas para comercialização na cidade, principalmente a mandioca – comercializada como farinha -, e pupunha. A comercialização ocorre principalmente em feiras locais no município onde os produtos orgânicos e os pequenos produtores tendem a ser mais valorizados pelos consumidores. Os demais produtos têm como principal objetivo o consumo interno, caracterizando-se como plantio de subsistência.

O reconhecimento da comunidade rural de Peropava como grupo de indivíduos descendentes de escravos fugidos ocorre recentemente. Segundo relatos dos próprios moradores e a partir de investigações realizadas nas instituições de apoio, principalmente o Instituto de Terras do Estado de São Paulo – ITESP, identificou-se que a Comunidade de Peropava apenas começa a produzir uma identidade coletiva enquanto grupo de remanescentes de quilombo a partir de 2007 e, mais ativamente, em 2011, com a atuação de órgãos governamentais que tinham por objetivo o resgate histórico daquele grupo. A partir desta construção histórica, pressupõe-se que aspectos históricos fundantes da comunidade se perderam com os séculos e, devido a fatores específicos desta construção histórica, a narrativa oral dos habitantes não foi suficiente para manter ativo o consciente coletivo daquele grupo enquanto descendentes de escravos. Ainda assim, sob perspectiva antropológica, diversos aspectos característicos das comunidades rurais descendentes de quilombos podem ser observados neste grupo cultural, principalmente no que se refere à construção da identidade coletiva, o exercício das atividades econômicas – comerciais e de subsistência – e a predominância dos aspectos organizativos característicos. Apesar dos processos históricos de perdas identitárias pelo qual a comunidade passa, a narrativa ancestral ainda se faz presente de

³Único templo religioso do bairro. Segundo moradores, está presente há muitos anos na comunidade e, conforme análise do discurso oral dos entrevistados, parece unificar o grupo nos aspectos religiosos da cultura. Também é utilizado como espaço para encontros, reuniões e confraternizações coletivas entre os moradores.

⁴Fotos feitas junto a Comunidade Quilombola de Peropava no dia 24 de setembro de 2022 pelo autor.

⁵Prensa de massa de mandioca da casa da Dona Olívia presente na família a, pelo menos, cinco gerações. Utilizada para extrair o líquido da mandioca para produção de farinha até os dias atuais.

forma consciente em alguns dos habitantes mais antigos do bairro que, em resistência as pressões contemporâneas, buscam fazer presente as vivências, fazeres e características culturais de seus antepassados.

2. RESULTADOS OBTIDOS

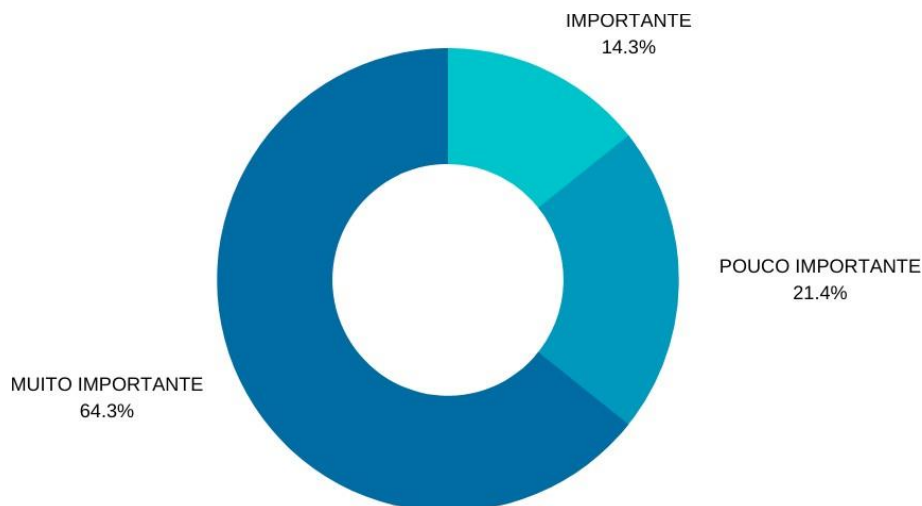
O Questionário I foi desenvolvido pensando em indagações que pudessem revelar discursos que demonstrassem possíveis relações entre as vivências cotidianas dos sujeitos e a influências do grupo coletivo nas falas, impressões e teorias de vida. Nesta perspectiva, o primeiro bloco de perguntas indagava sobre autoidentidade, a identificação com o grupo cultural, sentimento de pertencimento e a história da comunidade. Entre os 14 entrevistados, todos alegaram se identificar como quilombolas e se reconhecem como parte da comunidade.

Identidade e Pertencimento		
Pergunta	Sim	Não
Você se identifica como quilombola?	14	0
Você se identifica como parte desta comunidade?	14	0

Também todos os entrevistados alegam conhecer a história da comunidade, contudo, a maioria alega ter apenas o conhecimento parcial, sendo 9 entre os 14 entrevistados. Segundo relato, este conhecimento da história da comunidade lhes foi transmitido majoritariamente de forma oral, apesar de alguns entrevistados também alegarem este conhecimento por ter vivenciado parte da história da comunidade (3) e através de pesquisas realizadas por instituições governamentais (4).

História da Comunidade			
Pergunta	Sim	Não	Parcialmente
Você conhece a história da sua comunidade?	5	0	9

Para a pergunta “o quão importante você considera a história da comunidade para quem você é hoje?”, 21% dos entrevistados responderam que considera pouco importante (3), 14% respondeu que considera importante (2) e 65% responderam que consideram muito importante (9), como demonstrado no gráfico abaixo:



Ainda assim, todos os entrevistados alegam compartilhar a história da comunidade com filhos e pessoas mais jovens da família. O compartilhamento desta história acontece exclusivamente através da história oral.

O segundo bloco de perguntas buscou investigar a relação dos indivíduos para com os desafios individuais e coletivos que surgem neste grupo, a identificação das problemáticas, formas de enfrentamento e a forma como entrevistados reconhecem o auxílio governamental. A princípio, todos os entrevistados acreditam que a comunidade enfrenta problemas e dificuldades. Sobre as principais queixas, “infraestrutura” do bairro apareceu 11 vezes em falas de moradores, principalmente citando a dificuldade para colhimento de água potável e condições da estrada. Problemas relacionados à “saúde” e “educação” são mencionados por seis dos entrevistados, e falta de acesso a internet na fala de três destes. Ainda, a titulação de terras e falta de união entre os moradores aparece na fala de dois indivíduos.

Problemas e dificuldade locais	
Problemas relacionados à:	Nº de citações
Saúde	5
Educação	3
Transporte	4
Estrada	9
Acesso à água potável	8
Falta de união entre moradores	1
Internet	3
Ausência de titulação de terras	1

Sobre a forma de enfrentamento dos problemas e desafios citados, 85% dos entrevistados alegam que a comunidade enfrente estes problemas de forma coletiva (12). Destes, 4 entrevistados disseram que este enfrentamento coletivo ocorre através de reunião e assembleias realizadas com os moradores da comunidade. Ainda sobre o enfrentamento coletivo dos problemas e desafios, 11 dos entrevistados consideraram muito importante, um entrevistado considerou importante e dois entrevistados consideraram pouco importante. Entre todos, dois entrevistados consideraram possível a superação destes desafios sem o trabalho coletivo.

Sobre o auxílio governamental para resolução dos problemas e desafios da comunidade, 10 entrevistados disseram acreditar haver auxílio do estado. Destes 10, um dos entrevistados alegou que o auxílio é muito suficiente e 9 deles alegaram que o auxílio recebido é pouco suficiente. Quatro entrevistados disseram não acreditar que existe auxílio do governo para resolução dos problemas.



O terceiro e último bloco de perguntas teve como foco identificar as dinâmicas de trabalho realizadas na comunidade, compartilhamento de conhecimento técnico do ofício, realização de trabalhos coletivos e possíveis relações com a cultura local, a terra e a comunidade.

Sete dos 14 entrevistados alegaram realizar atividades rurais como principal fonte de renda ou para subsistência. Quatro dos 14 entrevistados alegaram realizar apenas tarefas domésticas (donas de casa), mas, incluíram o plantio de subsistência entre as atividades que realizam. Além disso, um dos entrevistados alegou trabalhar para uma empresa na região urbana do município; um entrevistado alegou não realizar atividades devido a problemas de saúde; e uma entrevistada alegou ser estudante. Entre os sete entrevistados que alegaram realizar atividades rurais como principal fonte de renda ou como atividade de subsistência, todos alegaram terem aprendido as técnicas de manejo com seus pais, avós e demais familiares. Além disso, dois alegaram que, além do ensinamento de seus familiares, também aprendeu com cursos fornecidos pelo município. Por fim, oito entre os entrevistados alegaram que ensinam as técnicas de trabalho para pessoas mais jovens da comunidade e, segundo relato, estes jovens estão dispostos a aprender as técnicas ensinadas.

DISCUSSÃO

Nesta pesquisa, as influências e mediações da cultura local que orientam a construção de um sistema de significação coletivo podem ser observadas na narrativa dos moradores, fazendo-se presente em suas visões de mundo, perspectivas de enfrentamento de desafios e comportamentos individuais e coletivos. Woodward (2009) traz em sua obra “Identidade e Diferença: Uma Introdução Teórica e Conceitual” uma análise referente aos processos psicossociais relacionados a sistemas de classificação e a influência da cultura na configuração e construção de sistemas de significado que mediam as diferentes formas de experiência de vida de cada indivíduo. Segundo a autora, é através da construção desses sistemas que a cultura irá propiciar os meios pelos quais iremos dar sentido ao mundo social e dar significado aos elementos presentes em nossas vivências cotidianas. Nesse contexto, os sistemas de significação coletiva expressam-se como o que se entende como “cultura”, visto que, atua como intermédio entre o indivíduo e suas vivências externas, no sentido dos valores coletivos de uma comunidade. Essas diferentes orientações que afetam os indivíduos de uma comunidade atuam distinguindo diferentes identidades, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposição entre “nós” e “eles”. Importante ressaltar que esta relação entre indivíduo e comunidade parte de um pressuposto durkheimiano de cultura, expressa na forma da classificação, do símbolo e do ritual como essenciais na produção do significado coletivo e da reprodução das diferentes formas de relações sociais. Segundo Woodward (2009), esses rituais tendem a se manifestar integralmente na identidade no indivíduo, estendendo-se a todos os aspectos da vida cotidiana, desde a fala, até a alimentação.

Já Michel Pollak, em sua obra *Memória e Identidade Social* (1992, p. 5), compreende a identidade como o sentido de imagem que uma pessoa adquire ao longo de sua vida no que se refere a ela própria, tanto individualmente quanto para se apresentar a diferentes grupos. Em sua obra, Pollak aponta três elementos essenciais na construção de uma identidade. Há uma unidade *física*, que compreenderia o sentimento de ter fronteiras tanto do corpo físico quanto de pertencimento ao grupo; há também a *continuidade* física, moral e psicológica através do tempo; e, finalmente, o sentimento de *coerência* e unificação entre os elementos que compõem um indivíduo. O sentimento de unificação surge também ao lado da continuidade e da coerência quando o autor se refere a identidades coletivas. O próprio conceito de identidade coletiva, em suas palavras, alude aos investimentos gerais de que um grupo deve fazer ao longo do tempo para fornecer a cada membro pertencente – quer se trate

em um âmbito familiar ou de uma nação- os sentimentos de unificação, continuidade e coerência.

Entre os elementos que estão presentes na composição do sujeito, a memória atua fomentando e constituindo-se por, em partes, aspectos herdados de uma tradição histórica geracional, não se referindo apenas à vida física de cada sujeito. Nesse contexto, pontos de relevância e preocupação do momento constituem um elemento de estruturação da memória, tanto individual quanto coletiva. Esse elemento reforça a ideia da memória enquanto um fenômeno construído, visto que, a sua própria organização se dá em função das preocupações pessoais e políticas de um determinado momento da história de certo grupo podendo ser, em nível individual, tanto consciente quanto inconsciente .(POLLACK, 1992). Assim, apesar da memória apresentar-se aparentemente como um fenômeno exclusivamente individual, ressalva-se a importância de compreendê-la sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e sujeito a transformações, flutuações e mudanças constantes. Nesse contexto, dos três aspectos que o autor ressalva como sendo elementos essencialmente constitutivos da memória, todos estão diretamente ou indiretamente relacionados a um grupo de pertencimento. O primeiro se refere aos acontecimentos vividos individualmente e, apesar do aspecto mais singularizante, ainda parte de um grupo que atua como mediador das experiências do indivíduo e da forma como ele vivenciará esses acontecimentos. O segundo e o terceiro elemento constitutivo da memória dizem respeito, respectivamente, aos acontecimentos vivenciados pela coletividade ao qual o indivíduo se sente pertencente e por figuras simbólicas, pessoas e personagens cultuados por determinado grupo cultural. Em suma, a constituição da memória é mediada não apenas por vivências diretas, mas também, experiências herdadas, aprendidas e transmitidas aos sujeitos através de diferentes processos de socialização que percorrem a vida cotidiana.

Em grupos marginalizados, essa configuração da memória coletiva envolve o combate e a supressão das memórias de outros grupos. Pollak (1992) se refere a essa categoria de lembrança como “memórias subterrâneas”, sendo elas as Memórias de grupos menos favorecidos e socialmente marginalizados, entre eles os movimentos sociais, comunidades pobres, minorias sociopolíticas, entre outros. Por sua marginalização, essa memória tende a assumir um aspecto traumático que, ao mesmo tempo que marca suas lembranças, tendem a produzir um sentimento de fortalecimento entre o coletivo perante o silêncio imposto e a ameaçada do esquecimento. Por outro lado, o silêncio imposta a esses grupos pode atuar

como elemento necessário para a sobrevivência de determinada memória coletiva. Por não poder se manifestar através de meios oficiais de expressão, a memória sobrevive como forma de resistência política e cultural, apresentando-se como forma de contestação da ordem vigente e formulação de um projeto social para o futuro. Neste contexto, a análise da história transmitida oralmente tende a se tornar uma metodologia privilegiada de estudos dessas comunidades visto que, a transmissão informal, através de redes de sociabilidades e convívio familiar são as principais formas de propagação da memória desses grupos.

Epistemologicamente a identidade constitui-se, principalmente nos tempos atuais, uma espécie de conexão que liga abordagens frequentemente discrepantes no estudo ontológico do “eu” e da sociedade, visto que está presente nos dois lados de áreas teoricamente antagônicas (GILROY, 2007). O conceito também está presente nas pesquisas contemporâneas, proporcionando ao pensamento acadêmico uma orientação de reflexão direcionada a retomada às lutas e incertezas da vida cotidiana, onde a ideia de identidade tem se tornado especialmente ressonante. Também atuando sobre as políticas públicas e ações governamentais, o conceito de identidade fornece as rubricas características de uma virada implosiva e interna que leva ao fim as tarefas da política ao torna-las aparentemente irrelevantes diante dos diferentes poderes mais primordiais, profundos e fundantes que regulam a conduta humana independente da superficialidade de políticas voltadas a atenção pública.

De acordo com Roque Laraia (2002), é através da cultura que se é atribuído grande parte de nossos elementos identitários, estendendo-se desde posturas corpóreas até elementos de caráter moral e valorativo que acompanham as vivências cotidianas e mediam a visão de mundo individual. Segundo Feldens (et al.,2018), essa argumentação pode ser mais facilmente observada em sociedades tradicionais e comunidades menores, visto que nelas se destacam como aspectos sociais a partilha de uma cultura mais unificada em suas tradições, hábitos e ritos. Antagonicamente, as sociedades modernas e grupos urbanos apresentam maior fragmentação cultural, seja através das diferentes relações sociais e classe econômicas, ou ocupação individual dentro de umacomunidade ou cultura.

Naturalmente, os signos comuns e específicos, manifestações, costumes, valores e crenças que determinam e distinguem diferentes formas e culturas também, por conseguinte, caracterizam a subjetividade dos indivíduos de determinado grupo cultural, transformando-se em referenciais identitários entre os próprios sujeitos que os partilham e,

inclusive, para observadores externos. Essa infinidade de características de determinada cultura irá oferecer não apenas os aparatos necessários para as referências identitárias dos sujeitos, mas também ferramentas que possibilitam uma diferenciação tanto dos indivíduos entre si, das comunidades ou grupos sociais, a partir da análise de suas especificidades.

Sobre aspectos identitários em comunidades negras do Vale do Ribeira, Giacomini (2010) desenvolve um estudo abordando aspectos como a ressemantização do conceito de comunidade de remanescente quilombola, a organização das comunidades negras rurais da região e o processo de construção da identidade quilombola no cenário político e social do Vale do Ribeira. Esses aspectos trabalhados são importantes para a compreensão do modo de vida dos habitantes dessas comunidades, principalmente pela forte mediação do grupo na configuração identitária do indivíduo. Segundo Giacomini, a ressemantização dos remanescentes quilombolas define esses grupos através de práticas de resistência, de manutenção e reprodução dos seus modos de vida. Nesse contexto, a identidade dos integrantes dessas comunidades se define por uma referência histórica comum, construídas através de vivências e valores partilhados. Este referencial histórico é reforçado por Glória Moura (1994, apud GIACOMINI, 2010, p. 57). Segundo a autora, as comunidades quilombolas contemporâneas apresentam como características o forte vínculo com o passado ancestral em suas manifestações culturais. Esse aspecto cultural é escolhido pelos habitantes como forma de manter uma identidade coletivamente.

Nessa perspectiva, o sujeito irá diferenciar ou identificar a si próprio quando observa o outro que pertence ao mesmo local, partilhando das mesmas experiências (GIACOMINI, 2010). Os próprios processos de representação a cerca de si, segundo a autora, surgem da interação sujeito e lugar, sujeito e sujeito, lugar e sujeito; tendo, tanto o outro quanto o espaço, papel fundamental no pensamento e na ação dos indivíduos componentes de determinado grupo cultural. De acordo com a autora, o processo de negação ou aceitação da identidade quilombola pelos seus integrantes sofre de influências inclusive relacionadas aos estereótipos históricos construídos sobre a população negra. Nesse aspecto, reconhecer-se enquanto quilombola produziria, inevitavelmente, uma proximidade com um grupo étnico que foi escravizado no passado e que ainda hoje, conseqüentemente, sofre de discriminação e preconceito. Assim, o reconhecimento de uma identidade quilombola, acarreta no reconhecimento, entre outros elementos, da dimensão política dessa identidade.

No Vale do Ribeira, a construção da identidade de “remanescente de quilombo” é incorporada pela emergência dos moradores dos bairros negros rurais em decorrência dos crescentes conflitos territoriais que marcam a história da região (GIACOMINI, 2010). Além de um processo de composição histórica, a solidificação de uma identidade quilombola na região do Vale do Ribeira também se desenvolve através de uma estratégia política de composição dos sujeitos sociais. Nesse contexto, a reconstrução e o fortalecimento da identidade local possibilitam a sobrevivência da comunidade perante pressão das estruturas sociais modernas baseadas na propriedade privada e que tendem a impor sistemas de valores e crenças universalmente, subjulgando a diversidade cultural local.

Lúcia Munari (2009) traz em sua obra um estudo sobre populações quilombolas do Vale do Ribeira e elementos relacionados à memória social e ecologia histórica. Para a autora, as sociedades humanas tendem a se organizar e organizar ambientes de habitação a partir de relações culturais complexas, em um processo ao mesmo tempo dialético, cultural e histórico. Segundo Thompson (1992), a memória social é uma construção coletiva da memória de um grupo, de seu histórico e identidade, visto que constitui o referencial de suas origens transmitido através das gerações.

Já Gilroy (2007), partindo da metodologia diaspórica, defende a concepção de identidade enquanto um conjunto de características sociais que se constroem a partir de experiências práticas de identificação, e que auxiliarão nos processos de formação de um indivíduo complexo e não divisíveis. Para Gilroy, a identidade é sempre delimitada e particular, circunscrevendo as divisões e os subconjuntos em nossas vivências em sociedade e ajudando a definir fronteiras metafísicas entre nossas tentativas locais e irregulares de dar sentido ao mundo. Dessa forma o lugar, localização, a linguagem e a mutualidade aparecem como elementos enraizados e vinculados aos processos de consciência da identidade sendo essa, conseqüentemente, fruto de experiências compartilhadas.

Segundo René Kaes (2011), a própria consolidação de uma subjetividade é moldada, fundada e sustentada através de vínculos intersubjetivos estabelecidos entre os sujeitos que se relacionam a partir de uma configuração política, social e histórica. Em sua obra, o autor ainda destaca a mediação psíquica inconsciente dos organizadores socioculturais. Esse elemento atua tornando possível, sustentando e organizando o processo de emparelhamento psíquico entre dois ou mais sujeitos. Nas palavras de Costa (2012) “Os organizadores socioculturais referem-se a elementos construídos socialmente por meio do

trabalho da cultura e dos quais os mitos são um de seus representantes”. Na composição psíquica, esses organizadores atuam fornecendo modelos normativos e constituem suporte para uma origem do grupo, assim como constroem uma identidade, diferenciando grupos distintos.

No âmago da consolidação do indivíduo, Kaes (2001) o estabelece como *intersubjetivo*, o que significa que, primeiramente, o sujeito *é* o grupo. Portanto, assim como não nos é dado escolhas sobre ter ou não um corpo, também não é possível escolher entre ser ou não ser incluído em determinado agrupamento. Nas palavras do autor “é assim que vimos ao mundo, pelo corpo e pelo grupo, e o mundo é corpo e grupo” (Kaes, 2001, p.13). Os próprios aspectos ideológicos, os desejos não realizados, os segredos e o incógnito são aspectos herdados pelos sujeitos através da influência de seus antepassados através de apoio, identificação, incorporação ou pela via do recalçamento. Em sua análise o autor compreende o que se transmite e o que se herda como fruto do trabalho de um aparato psíquico inconsciente que media a relação das histórias e dos acontecimentos experienciados pelos indivíduos, sendo assim, o resultado eletivo de unsou alguns processos e conteúdos psíquicos.

Com relação às teorias de vida, Hundeide (1999) as determina enquanto estruturas de significação por meio das quais os indivíduos encontram soluções, explicações e significados para suas vivências cotidianas. Enquanto componente psíquico, as teorias de vida encontram-se presentes universalmente em todas as comunidades e indivíduos. Apesar disso, como amplamente disseminado em seu artigo, esse componente psíquico atua de diferentes formas, a variar pelas estruturas culturais das diferentes comunidades analisadas. Em “Four different meanings of “being poor” o autor parte da concepção de teoria de vida apresentada para analisar de que forma as atribuições de significados a uma equivalente condição de existência material podem variar, a considerar o ambiente geográfico-cultural que irá influenciar nas construções semióticas coletivas.

CONCLUSÃO

A partir da pesquisa realiza com alguns integrantes da comunidade, pôde-se ter acesso a alguns elementos importantes presentes na construção da identidade coletiva destes indivíduos e na forma como os elementos culturais coletivos aparecem no discurso dos moradores do bairro. Através das falas, discursos e relatos, nota-se a perda da memória

ancestral na comunidade que decorre de fatores históricos diversos que, não sendo o objetivo do presente trabalho, não será tratado em suas minúcias, mas apresenta-se ao debate como possibilidade de pesquisas futuras. Ainda assim, foi possível reconhecer as mediações culturais nas estruturas narrativas através de marcadores ontológicos e estruturas semióticas de significação que se enraizaram nas terras da Comunidade Quilombola de Peropava e resistem aos processos de perdas indentitárias, territoriais e culturais que a região enfrenta.

REFERÊNCIAS

COSTA, Eliane. **Racismo, política pública e modos de subjetivação em um quilombo do Vale do Ribeira**. São Paulo, 2012.

FELDENS, Dinamara; FUSARO, Luana; CARVALHO, Lucas. **Antropologia, cultura e indivíduo: reflexões sobre identidade**. Unisul, Tubarão, v.12, n.21, p.282-292, jan/jun 2018.

GIACOMINI, Rose. **Conflito identidade e territorialização, Estado e Comunidades Remanescentes Quilombolas no Vale do Ribeira de Iguape- SP**. São Paulo, 2010.

GILROY, Paul. **Entre campos: Nações, culturas e o fascínio de raça**. São Paulo: Annablume, 2007.

HUNDEIDE, Karsten. **Four Different Meanings of "Being Poor"**. Vol 11, Issue2, 1999.

KAËS, René. (2001). **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

KAËS, René. (2011). **Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo**. São Paulo: Edições Loyola.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 15. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

MUNARI, Lúcia. **Memória social e ecologia histórica: A agricultura de coivara das populações quilombolas do Vale do Ribeira e sua relação com a formação da Mata Atlântica**. São Paulo, 2009.

POLLAK, Michael. **"Memória e identidade social"**. In: Estudos Históricos, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado. História oral**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992; 385 p.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, T. T. Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes Ltda, 2009.